

## **Vicissitudes da separação.**

### **Adversities of separation.**

FLÁVIA DUTRA

#### **RESUMO:**

Este trabalho propõe que a interpretação predominante dos conceitos de alienação e separação de Lacan, no âmbito da psicanálise lacaniana, sofreu a influência equívoca de um conjunto de ideias modernas e pós-modernas, tendo como resultado dois estilos de condução clínica.

**PALAVRAS-CHAVE:** alienação – separação – emancipação – moral – ética – saber – poder.

#### **ABSTRACT:**

This paper proposes that the predominant interpretation of Lacan's concepts of alienation and separation within Lacanian psychoanalysis has been influenced by a set of modern and postmodern ideas, resulting in two styles of clinical conduct.

**KEYWORDS:** alienation – separation – emancipation – moral – ethic – knowledge – power.

Se os conceitos de alienação e separação de Lacan se apoiam em Marx e Hegel, a interpretação predominante desses conceitos no campo psicanalítico e sua consequente transposição clínica se apoiam em Kant e Voltaire. De acordo com a interpretação vigente, o conceito de separação assume o sentido de emancipação e a clínica que disso deriva é conduzida segundo a moral iluminista de Kant e a ética do barão de Thunder-ten-tronckh (do *Cândido*, de Voltaire).

O historiador Rui Tavares<sup>1</sup> sugere dois textos para tratar a questão da emancipação, considerada como abertura para a modernidade: "Resposta à pergunta: o que é o iluminismo", de Kant,<sup>2</sup> e "*Cândido, ou o Otimismo*", de Voltaire.<sup>3</sup> Neles, encontramos duas visões distintas dos meios de se alcançar a emancipação: para Kant, pela liberdade, por Voltaire, pela provocação. Ambos marcam a emancipação como abertura para a modernidade. Emancipação da teodiceia! – termo de Leibniz que designa o plano divino para a humanidade. A interpretação dominante é que o conceito de

---

<sup>1</sup> Tavares, R. (2023). *Agora, agora e mais agora*. Vol. 4. Portugal: Tinta da China.

<sup>2</sup> Kant, I. (2022). *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* São Paulo: Penguin-Companhia das letras.

<sup>3</sup> Voltaire. (2021). *Cândido, ou o Otimismo*. Rio de Janeiro: Antofágica.

separação, em Lacan, corresponde a essa emancipação de Deus pela qual a humanidade passou, na entrada da modernidade.

### Os conceitos de alienação e separação

Dos conceitos de alienação e separação, resalto apenas alguns aspectos relevantes para a sustentação da ideia aqui proposta.<sup>4</sup>

Lacan situa o inconsciente como corte em ato entre o sujeito e o Outro.<sup>5</sup> Esse corte comanda as duas operações fundamentais de causação do sujeito – alienação e separação.

A alienação é concebida como perda no A (Outro simbólico) com repercussão no sujeito – correspondente ao fator letal do significante sobre o sujeito. O que resgata o sujeito de tal fator letal é a operação da separação. A alienação implica numa escolha que porta uma perda irremediável. Para Lacan, não é concebível nenhuma relação que gere alienação, a não ser a do significante.<sup>6</sup>

A alienação corresponde à lógica da reunião da teoria dos conjuntos, e a separação à da intersecção. O elemento comum da intersecção é a falta – a do sujeito e a do Outro. Esse encontro das duas faltas acontece quando o sujeito se depara com o desejo do Outro – o que acontece nos intervalos, no sem sentido do discurso, antes mesmo que se possa sequer chamá-lo de desejo, e muito menos imaginar seu objeto. O que o sujeito coloca aí é sua própria falta, sob a forma de seu próprio desaparecimento, quer dizer: a falta que seu desaparecimento produziria no Outro.

A interpretação predominante das operações de alienação e separação é a de que nós nascemos alienados ao outro, à mãe – situação que pode se repetir ao longo da vida em outras circunstâncias, no trabalho, com o chefe, com o/a parceiro amoroso – e, para adquirir nossa identidade pessoal, temos que nos separar – da mãe e dos que se seguem. Em Freud, verificamos essa mesma leitura: nos deparamos, ao nascer, com uma condição de desamparo, daí a dependência do outro, mas para nos tornarmos adultos maduros – afetiva, sexual e intelectualmente – temos que nos separar.<sup>7</sup> Aqui, temos que separação equivale a emancipação.

Lacan fala em emancipação exclusivamente quando se refere a Marx.<sup>8</sup> Para Marx, de fato – e Lacan o cita –, a emancipação humana é a saída da alienação. Contudo, é preciso atentar para o fato

---

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento no tema, ver: Lacan (*Seminário 11*, aulas 13, 16, 17, 19, 20, o texto "Posição do inconsciente" em *Escritos*) e o texto de A. Eidelsztein "Los conceptos de alienación y separación de Jacques Lacan".

<sup>5</sup> Lacan, J. (1998). Posição do inconsciente. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 854.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 853.

<sup>7</sup> Eidelsztein, A. (2009). Los conceptos de alienación y separación de Jacques Lacan. Disponível em <https://eidelszteinalfredo.com.ar/los-conceptos-de-alienacion-y-separacion-de-jacques-lacan-2/>

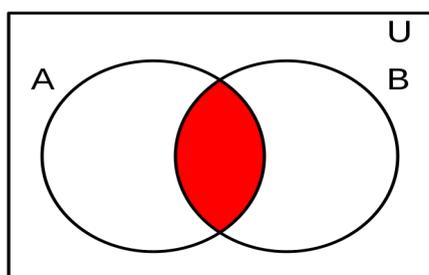
<sup>8</sup> Lacan, J. (1991). *Seminário 7*. Aula de 4/05/1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

de que a alienação em Marx não corresponde à alienação em Lacan, logo, a saída dela também não. Vejamos o que Lacan afirma no *seminário II*:

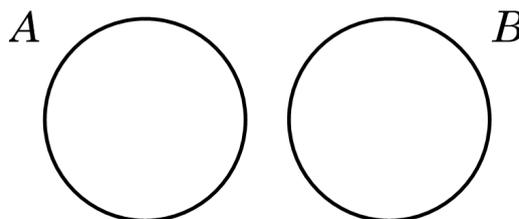
O de que o sujeito tem que se libertar é do efeito **afanísico**<sup>9</sup> do significante binário [...] não é de outra coisa que se trata na função da liberdade.<sup>10</sup>

E como se libertar disso? Do fator letal do significante? Articulando-se à falta do Outro, que é o que acontece na separação. Não se trata de libertar-se do Outro mas de articular-se à sua falta.

A interpretação da separação como emancipação encobre o vel, o algoritmo, a torção que separa e une sujeito e Outro. Além de localizar o que se passa entre sujeito e Outro num espaço euclidiano e não na topologia de borda que propõe Lacan.



**SEPARAÇÃO**



**EMANCIPAÇÃO**

O sujeito, considerado em imissão de Outridade, requer a lógica da intersecção. A emancipação coloca sujeito e Outro em dois conjuntos independentes, sem intersecção. Sendo assim, a falta do sujeito e do Outro não se articula.

### **Separação como emancipação**

Proponho um conjunto de ideias que me parecem determinantes na interpretação distorcida do conceito de separação como emancipação, a saber: a moral iluminista, o problema do saber-poder e a ética intensiva – uma ética da intensidade. Tal interpretação redundante em duas conduções clínicas, ainda que distintas em seu procedimento, referidas a uma mesma moral e ética.

<sup>9</sup> A palavra afanísico não existe em português, é um galicismo. Temos em português a palavra afânico, relativo à afânise. Julgo mais adequado adotá-la.

<sup>10</sup> Lacan, J. (1990). *Seminário II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Aula de 03 de junho de 1964. p. 208.

Adoto aqui a abordagem de Tristan Garcia,<sup>11</sup> que considera a diferença entre a moral e a ética como uma diferença gramatical entre adjetivo e advérbio. O objeto de uma moral é determinado por um adjetivo – qualidade a ser adquirida: sujeito **emancipado** –; e o objeto de uma ética é determinado por um advérbio, que indica um modo de alcançar aquela qualidade: **intensamente**.

#### **a) A moral iluminista:**

Tomo como referência 2 textos icônicos para tratar o tema da moral iluminista: "Cândido, ou o Otimismo", de Voltaire, e "A resposta à pergunta: o que é o iluminismo", de Kant.

Em *Cândido*, a ideia central – defendida por seu preceptor, Pangloss – é a de que não existe efeito sem causa. Tudo é feito para uma finalidade e tudo corre da melhor forma possível para atingir sua finalidade. Tudo está necessariamente encadeado e organizado da melhor forma.

A saga de *Cândido* começa depois que o barão de Thunder-ten-tronckh flagra um beijo entre ele e sua filha, razão pela qual expulsa o rapaz do castelo com chutes no traseiro. *Cândido*, que tinha sido criado para nunca julgar nada por si mesmo, passa por um verdadeiro périplo em que assiste a atrocidades e, diante de cada uma delas, refaz a pergunta: – é possível continuar pensando que tudo ocorre da melhor maneira possível no mundo? Qual pode ser a razão suficiente daquilo que acontece?

Essa mesma pergunta sacudia a Europa de então, por ocasião do terremoto de Lisboa, acontecido em novembro de 1755 e seguido por um tsunami que atravessou o Atlântico e por 5 dias de incêndios. Voltaire, com seu poema sobre a tragédia de Lisboa e depois com *Cândido* (1759), abriu um debate que teve como resultado a derrubada da teodiceia<sup>12</sup> e da ilusão de que Deus intervinha na história humana através dos fenômenos da natureza.<sup>13</sup> Todo um sistema de crenças veio abaixo. Foi o fim de um paradigma. O homem estava por sua própria conta. Deflagrava-se o debate sobre a emancipação.

*Cândido*, por fim, depois de testemunhar e sofrer tanta desgraça, refaz a pergunta a Pangloss, que responde: tudo o que lhe aconteceu seguiu o curso do melhor possível, uma vez que, se não tivesse lhe acontecido tudo aquilo, não estaria naquele momento onde estava, desfrutando das cidras confitadas e pistaches. "O senhor está certo", respondeu *Cândido*, "mas devemos cultivar o nosso

<sup>11</sup> Garcia, T. (2018). *La vida intensa. Una obsesión moderna*. Barcelona: Herder Editorial.

<sup>12</sup> Termo de Leibniz que designa o plano divino para a humanidade.

<sup>13</sup> Tavares, Rui. (2023). *Agora, agora e mais agora*. Portugal: Tinta da China editora.

jardim."<sup>14</sup> Cândido não derruba a crença no plano divino, mas adota uma precaução – tratando de cuidar da sua parte – passando a não confiar-se plenamente às razões divinas.

Kant, quase 30 anos depois de *Cândido* (em 1784), é categórico. Existe um único meio para a humanidade sair da dependência e do jugo divino: a emancipação. E, para alcançar a emancipação, será necessário o Iluminismo que, nos termos de Kant, é nada mais que "ousar saber", marcando a "saída do ser humano da menoridade à qual ele mesmo se relegou".<sup>15</sup> Kant define a menoridade como a incapacidade do homem se servir de seu próprio entendimento sem a orientação de terceiros. E imputa a responsabilidade pela menoridade ao próprio homem, pela comodidade de ser tutelado. Para Kant, o iluminismo é emancipação. É a saída da humanidade de uma tutela que ela se auto impõe. Tutela de padres e reis, de pais, dos mais velhos, de hierarquias, da nobreza e aristocracia. Falta coragem à humanidade de se servir do próprio saber. Para aceder ao esclarecimento não é preciso nada além da liberdade. Ousa saber! – é a bandeira do iluminismo.

O que está em curso em *Cândido*, de Voltaire, é também o questionamento da teodiceia, com uma saída diferente. Se, para Kant, é perfeitamente possível que a sociedade se auto esclareça e se emancipe, desde que lhe seja concedida liberdade, em *Cândido* a emancipação deve ser provocada.

Retomando a confusão entre separação (conceito lacaniano) e emancipação: Lacan recorre ao exemplo do senhor e do escravo na apresentação do vel da alienação, porém os toma como significantes. A interpretação da separação como emancipação pessoaliza a operação significativa em curso, ao colocar a criança e seus pais no lugar do escravo e do senhor – ou, se quisermos, de forma mais abrangente: no lugar do homem e de Deus, para referir à nossa referência em Kant e Voltaire. Trata-se da imaginarização de uma operação simbólica. Tal transposição – da posição do senhor e do escravo para a da criança em relação a seus pais, ou ainda, do sujeito em relação ao Outro enquanto indivíduos – considera que a alienação acomete apenas um dos termos: o escravo, em relação ao senhor; a criança, em relação aos seus pais. A alienação do senhor acontece da mesma forma que a do escravo – só que com outros termos – ao fazer sua escolha passar pela morte, segundo Lacan. A partir da imaginarização de uma operação simbólica, a separação – uma operação significativa – assume o significado de emancipação, equivalente à queda da teodiceia no iluminismo – em que o homem deixa de confiar-se aos planos de Deus e trata de cuidar do seu jardim. E assim, a separação – que corresponde à sobreposição de duas faltas, da qual se articula o desejo – ganha um conteúdo, a saber: o significado de um ideal ocidental moderno, a emancipação. A emancipação torna-se a finalidade da análise, em que cada indivíduo tem que refazer a

<sup>14</sup> Voltaire. *Cândido, ou o Otimismo*. Op.cit. pp. 253-254.

<sup>15</sup> Kant, I. (2022). Op. cit.

emancipação realizada pela humanidade em relação a Deus. Ao refazer o mesmo processo, chega-se à conquista dos próprios significantes, do próprio desejo, do amor próprio – todo esse patrimônio.

### **b) O problema do saber-poder:**

Ousar saber, na modernidade, era a expressão da emancipação. O saber era a via expressa para alcançá-la. Na pós-modernidade, o saber apresenta-se como um senhor de amplos poderes. Vale lembrar que o saber de que se trata na psicanálise não corresponde ao saber em jogo no iluminismo, este último refere-se ao conhecimento. Do mesmo modo que a emancipação não corresponde ao conceito de separação. Contudo, ambas acepções, conhecimento e emancipação, têm uma incidência prevalente no entendimento dos citados conceitos psicanalíticos.

A ideia em curso, acerca do saber como poder, é a de que toda forma de saber esconde um poder vivenciado como negativo, de modo que o saber, em vez de estar primordialmente ligado à emancipação, figura como um instrumento de submissão. Maurizio Ferraris o define como uma falácia – a falácia do saber-poder.<sup>16</sup> A concepção do saber-poder tem sua raiz em Nietzsche, que considera a verdade como a manifestação da vontade de poder e, sendo assim, o saber não possuiria um valor emancipador, mas seria um instrumento de domínio ou de engano. Uma onda anti-iluminista – que, segundo Ferraris, tem sua legitimação na falácia do saber-poder – invade a pós-modernidade. É rechaçada a confiança nonexo entre saber/ conhecimento e emancipação. Toda forma de saber passa a ser vista com suspeita, na medida em que é expressão de uma certa forma de poder. Daí o impasse: a instância que deveria habilitar à emancipação gera domínio e servidão. O passo seguinte é que a emancipação só pode ser alcançada no não-saber e no retorno ao mito, à fábula e à tragédia.

O saber que, na modernidade ilustrada, era a via para a emancipação, na pós-modernidade se converte em um instrumento de dominação, manifestação da vontade de poder, chegando a um completo descrédito. A conexão entre bem-estar e conhecimento é quase que totalmente destruída. Este é um elemento prevalente no rechaço à intelectualidade, diagnosticado por Lacan em certos momentos.<sup>17</sup> O conhecimento torna-se apenas interesse, ódio entre os doutos e rivalidade. A saída encontrada por Nietzsche para a filosofia é o retorno ao mito; a felicidade prometida ao douto deve ser substituída pela tragédia. Poderíamos considerar que encontramos saída semelhante no campo psicanalítico? Mais especificamente, no recurso à "poesia" como modelo de intervenção do

<sup>16</sup> Ferraris, M. (2013). *Manifiesto del nuevo realismo*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. Edição digital. Posição no ebook 1837.

<sup>17</sup> Podemos encontrar, por exemplo, nos seguintes textos de Lacan: "Situação da psicanálise em 1956"; "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". Em *Escritos*. Op. cit.

analista? Seria da busca por uma direção antirracional ou anti-intelectual do tratamento que surge tal alternativa, a do recurso à poesia?

Retomando a inversão do curso do saber, o antagonismo é flagrante:

A demanda de emancipação, apoiada nas forças da razão, do conhecimento e da verdade que se opõem ao mito, ao milagre e à tradição, chega a um ponto de extrema radicalização e se volta contra si mesma.<sup>18</sup>

O rechaço ao saber chega a tal ponto que, no início dos anos 1980, filósofos como Foucault, Derrida e Lyotard – sistematicamente associados à pós-modernidade, apesar da contrariedade de alguns deles com isso –, diante do rumo que tomava o debate acerca da pós-modernidade, reivindicaram um retorno ao iluminismo.

É o caso de Lyotard, que em 1983, em uma clara dissociação do curso do debate acerca da pós-modernidade, propôs um retorno a Kant. Derrida – descontente com o tom apocalíptico assumido pela filosofia, que acompanhava os debates acerca da pós-modernidade – propõe relançar a ideia das luzes. No congresso de Cerisy-la-Salle, em 1980, o faz explicitamente, e sua proposta é a de relançar a ideia do iluminismo tornando-a contemporânea e situando-a no progresso da razão. Manifestava-se a favor de um iluminismo por vir.

Inclusive Foucault, que tinha seu nome ligado à doutrina do saber-poder, adere à exortação às luzes. A conexão entre poder e saber tinha sido o primeiro mote de seu pensamento, como confirma "A ordem do discurso", conferência com a qual, em 1970, inaugurou suas aulas no Collège de France. A ideia de fundo era a de que a organização do saber estava estreitamente determinada por motivações de poder. Para Foucault, a vontade de verdade – vinculada à vontade de saber, que surge por volta do século XVI/XVII – tende a exercer uma pressão sobre os outros discursos, como um poder de coerção. O que opera nessa vontade de verdade é o desejo e o poder. Na teoria do saber-poder foi estabelecido um paradoxo, que está no centro do pensamento de Foucault e Nietzsche: a verdade é criticada por amor a uma verdade que pretende desmascarar tudo, inclusive a verdade, resultando no restabelecimento do mito. Observa-se uma busca da verdade que segue na contramão da razão.

A conexão entre saber e poder é também explicitada, por Foucault, na síntese da "Microfísica do Poder", em que afirma que o exercício do poder cria constantemente o saber e vice-versa: o saber carrega consigo os efeitos do poder. Ainda assim, Foucault tacha de caricatural a interpretação

---

<sup>18</sup> Ferraris, M. (2013). Op. cit. Pos. 1837.

de sua pesquisa como uma redução do conhecimento ao poder.<sup>19</sup> Contudo, Foucault, com a inversão de marcha que se dá nos últimos anos de seu ensino a partir do tema da verdade, faz uma verdadeira apologia ao iluminismo.<sup>20</sup>

A passagem da modernidade para a pós-modernidade é marcada por um curto-circuito do saber: primeiramente, o saber é o que retira a humanidade do jugo do outro; depois é o que a recoloca sob o jugo do outro.

### **c) A ética intensiva (ética da intensidade):**

O filósofo Tristan Garcia<sup>21</sup> propõe que a intensidade se tornou um programa ético. A imagem que corresponde à intensidade é a da energia eletrostática. Segundo esse autor, a perspectiva da salvação ou sabedoria foi substituída pela estimulação ou progresso de todo o nosso ser, até o ponto de eletrificação. A fascinação pela eletricidade teria sido o primeiro motor do entusiasmo com a esperança de uma emancipação definitiva da humanidade. Proponho que o correspondente disso na clínica psicanalítica seja o corte, quando equivalente a um choque elétrico, e não à operação simbólica que faz surgir o sujeito. A libido já não foi considerada como um fluido elétrico determinante da força vital? Articulada ao tema da intensidade, encontramos toda a questão da energia e seus destinos: suas fixações, que provocam os sintomas, e o corte/choque, que dissipa as fixações, permitindo novamente o livre fluxo da energia e a consequente supressão dos sintomas. A ideia da canalização da energia é ainda muito presente como referência na condução das análises.

A sociedade moderna já não prometia mais aos indivíduos a salvação ou a sabedoria, mas apenas ser o que já somos – mais e melhor. A promessa era converter as pessoas em pessoas intensas, através da intensificação dos prazeres, dos amores, das emoções, dos corpos, da produção, do consumo, da comunicação, das percepções. A intensificação, por fim, de sua emancipação.

Com a modernidade, depositamos nossa confiança na ciência, que era mais segura do que a experiência porque dispunha de princípios matemáticos, que independem dos sentidos, nos livrando da potência de enganar e das incertezas da indução empírica. Daí passamos à desconfiança do saber manipulatório, dominador. E isso nos levaria de volta aos sentidos? Não exatamente. Não aos sentidos como fonte de captação e apreensão do mundo, mas aos sentidos como via de acesso à pura intensidade. A intensidade como pura forma, sem conteúdo: o máximo do que se pode ser, seja lá o que for.

<sup>19</sup> Foucault, M. Curso no Collège de France (1983-1984), apud Ferraris, M. (2013). Op. cit.

<sup>20</sup> Aula proferida no Collège de France, em 1983, intitulada “O que é o iluminismo? O que é a revolução?”.

<sup>21</sup> Garcia, T. (2018). Op. cit.

A intensidade é deslocada: de conceito metafísico passa a valor moral. Um ideal moral europeu e, logo, amplamente ocidental. A identidade, antes suportada pelo conceito de substância, encontra agora seu suporte na intensidade. O homem intenso é o novo sujeito. Este novo sujeito tende a multiplicar suas experiências através das quais pode preservar a intensidade de suas percepções. Constantemente engajado numa luta – muitas vezes mortal – contra o tédio, contra a normalidade, contra a identificação, desconfia da tradição e exige a novidade: porque a intensidade queima rápido, é preciso alimentá-la colocando lenha nesse fogo todo o tempo. Esse sujeito está certo de que existe porque sente. Não porque sabe, pensa ou duvida; não é o sujeito cartesiano. O pensamento não pode nos dar a certeza da nossa correspondência conosco mesmos, da nossa identidade, até porque ele sofre o domínio do Outro, o jugo do saber. A identidade já não é substancial mas, sim, intensiva.

A intensidade é uma saída frente ao jugo do saber/poder, uma vez que ela não mente e está localizada na experiência individual. A intensidade da minha sensação é o que tenho de mais próprio, e é intransferível e intransmissível. É inequívoca, não pode ser vivida por qualquer outro. Através dela tenho a convicção de que sou realmente o sujeito do que vivo. As existências podem se assemelhar umas às outras. Mas o que as diferencia é a certeza interior de uma força que só eu posso medir. A intensidade chegou a designar o valor ético do que resistia à racionalização moderna. É intenso aquilo que é excluído – pela própria razão – da racionalização do mundo, aquilo que escapa à categorização, que não se deixa reduzir e que está reservado à percepção íntima e singular. Sendo assim, a intensidade converteu-se num ideal sem conteúdo, um ideal puramente formal: ser intensamente o que se é. Encontramos aqui outro elemento que contribui para o rechaço à intelectualidade e ao pensamento. A intelectualidade implica numa perda da vitalidade espontânea – perda, portanto, de intensidade.

Garcia chega a considerar que, talvez, nós apenas sejamos capazes de experimentar o que é intenso, a variação da quantidade, o que aumenta ou diminui. Pode até ser que seja isso exatamente o que nos define. O que mais conta é a excitação em si.<sup>22</sup> Esta é a promessa das substâncias: variar a quantidade – mais sono, menos sono, mais ânimo, menos euforia, mais foco, menos ansiedade –, daí seu sucesso. O saber está em último plano – se é que ele conta.

O ideal moral da intensidade servia a uma ética muito mais geral. Porque é compatível com todas as crenças: há que se viver intensamente, não importa o quê, desde que seja intensamente. Não é mais tão importante ser um homem intenso, mas ser intensamente o homem que se é. Esse é

---

<sup>22</sup> Ibidem. p. 12.

o homem intensivo, submetido à exigência de intensidade. O ideal moderno do sujeito intenso tornou-se um valor imposto para o sujeito pós-moderno.

O estabelecimento do saber como um poder e a busca por intensidade foram fortes contribuintes para o rechaço à intelectualidade. Aqui encontramos um chavão clínico, tão batido entre analisantes e analistas, que não atesta outra coisa: "não basta saber, tem que sentir". Chegando ao absurdo de aplicá-lo inclusive à compreensão teórica: para compreender um conceito, é preciso passar por ele na análise pessoal. Alguém já encontrou uma garrafa de Klein no divã?

### **Repercussão clínica**

O que acontece quando a noção de emancipação se sobrepõe ao conceito de separação? Vimos até agora o cruzamento de ideias modernas e pós-modernas em curso nesse acontecimento. Vejamos as repercussões clínicas:

1. Apaga-se o fato de que a emancipação como ideal social eurocêntrico e o conceito de separação são incomensuráveis – são tão distintos que não há padrão de medida comum entre eles.
2. Converte-se a lógica do significante em representacionalismo.
3. Converte-se sujeito em indivíduo autônomo.
4. Converte-se a operação de corte em choque intenso para promover o desgarramento do Outro.
5. Coloca-se a experiência psicanalítica a serviço de um ideal social.
6. Surgem dois estilos de condução clínica e dois estilos de analista:
  - a) Aqui encontramos Voltaire. Esse estilo de analista (e de condução clínica) está identificado ao barão de Thunder-ten-tronckh – parece ter inspiração nele. É o analista linha dura, áspero, cortante, afiado; o analista do chute no traseiro, que entende o corte como choque e que afirma, com uma ponta de orgulho: "mandei o paciente embora em 10 minutos!". A ideia subjacente é a de que a emancipação tem que ser provocada, atijada. Nesta linha encontramos a clínica do Real e seu estilo de intervenção, que troca ato por ação, interpretação por performance.
  - b) Aqui encontramos Kant. O analista tem um estilo de condução clínica suave, brando, silencioso. Espera que se faça a luz e, com a liberdade da associação livre, se chega lá. Aqui, o analista diria: "segue falando, você sabe". O analista chega a ter pudor de interpretar: "como vou interpretar isso se o paciente não chegou lá, ainda?". Há um lá onde chegar. Seria

iatrogênico que o analista antecipasse o lugar onde o analisante deve chegar, uma vez que endossaria aquilo mesmo que quer erradicar: a alienação (considerada como dependência), obstaculizando a separação (considerada como emancipação). A ideia subjacente é a de que, se for concedida liberdade ao sujeito, a emancipação é alcançada, chega-se lá! O procedimento de ambas as conduções clínicas é diferente, mas o programa ético e a finalidade da análise são os mesmos: ser intensamente o que se é, seja lá o que for: um mártir fundamentalista, ou um psicanalista.

### **Para concluir**

A sugestão de Ferraris, de que devemos deixar aberta a possibilidade de construir o saber/conhecimento como uma atividade conceitual, linguística, deliberada e, acima de tudo, emancipatória, pode nos servir como um princípio epistemológico. O que seria a condição da possibilidade de tomar consciência, de conhecer as coordenadas do saber – em amplo sentido: paradigma epistêmico, o discurso do Outro e o senso comum – que determinam (ou fazem sombra) à nossa prática clínica. É crucial cultivar a atividade emancipatória do pensamento teórico crítico. É uma maneira de resistir à coerção das discursividades. Daí a importância das relações inter teóricas. Outra coisa é fixar a emancipação como finalidade da análise; o que consiste em aderir a um ideal moderno que, instalando-se como contexto ou marco comum do campo psicanalítico, preenche de sentido o que deveria estar vazio, com amplas consequências teórico/clínicas. Como, por exemplo, comprometer o entendimento da teoria de Lacan e contribuir para a conversão da psicanálise em mitologia e para o estabelecimento da hermenêutica edípica. Fosse assim, a clínica psicanalítica se aproximaria de uma prática de *coaching*, como tantas outras – talvez um pouco mais refinada. A busca por esvaziar os conceitos teóricos dos sentidos de época e conteúdos pressupostos é importante para que a psicanálise não se converta numa moral, que prontamente encontra sua ética.

A experiência psicanalítica pode assumir o caráter "virtuoso" de um contra poder, resistindo ao saber (poder) através da anteposição das sensações. Assim sendo, a recusa do saber-poder, prioriza a experiência vivida em análise que promova a ação em detrimento do ato analítico; o dito poético, como interpretação, em detrimento da articulação significativa em direção à hipótese sujeito; a surpresa/choque com o inusitado da interpretação do analista em detrimento do saber. No debate teórico, esse contra poder ganha expressão na fórmula: –"discordo de fulano", sem mais.

A psicanálise praticada com vistas à emancipação é moderna, contemporânea à sua criação. E, para falarmos nos termos da intensidade: em nada progrediu. A crítica que aqui se propõe é a de que, além de moderna, sua clínica é norteadada pela moral da emancipação e pela ética intensiva.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Eidelsztein, A. (2009). Los conceptos de alienación y separación de Jacques Lacan. <https://eidelszteinalfredo.com.ar/los-conceptos-de-alienacion-y-separacion-de-jacques-lacan-2>
2. Ferraris, M. (2013). *Manifiesto del nuevo realismo*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.
3. Foucault, M. (2019). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola.
4. Garcia, T. (2018). *La vida intensa. Una obsesión moderna*. Barcelona: Herder Editorial.
5. Lacan, J. (1998). Posição do inconsciente. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
6. Lacan, J. (1990). *O Seminário livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
7. Lacan, J. (1991). *O Seminário livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
8. Kant, I. (2022). *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* São Paulo: Penguin-Companhia das letras.
9. Tavares, R. (2023). *Agora, agora e mais agora*. Vol. 4. Portugal: Tinta da China.
10. Voltaire. (2021). *Cândido ou o otimismo*. Rio de Janeiro: Antofágica.

**FLÁVIA DUTRA**

Sócia de APOLa sociedade psicanalítica.

E-mail: fgdutr@gmail.com